

A biblioteca: um laboratório de cultura (ou memória de um bibliotecário)*

Tomás Machado Lima**

1 - Um «laboratório pessoal» iniciático

Do lugar de onde venho, do etéreo, penso por vezes, já existiam livros. Antes de mim, eles me vocacionaram. Na minha infância, quando da idade da razão, lembro-me de livros. Os da primeira instrução e da catequese. Eram para mim acolhedores, não só pelo texto, mas pelas suas ilustrações. Iguamente me vêm à memória os missais populares. Quanto me lembro, terá sido o *Missal Dominical* o meu primeiro livro, pois os da escola vinham já usados e gastos pelos meus irmãos mais velhos. Por isso, nele logo me apressei a escrever o meu nome como marca de posse. Era, além de “iluminado”, bordejado de dourados. Só mais tarde tive a minha *bíblia*, “o livro” por antonomásia, se dermos razão ao étimo.

Na adolescência, outros livros povoaram a minha vida. Tal como ao cavaleiro andante de *La Mancha*, «encheu-se-me a fantasia de tudo o que se achava nos livros». Em casa de meus pais, refugiei-me numa sala de arrumações, no rés-do-chão, onde se encontravam três armários cheios de romances, poesias, livros vários que li sofregamente. Não somente os lia, mas remexia neles, tocáva-lhes. Passaram a ser muito meus. Familiarizara-me com eles. Frequentava-os amiudadamente. Empolgavam-me sobretudo os livros de aventuras e os romances. Lembro-me sobretudo dos livros de Júlio Verne e de Camilo Castelo Branco.

- “Onde estiveste?”, perguntava-me minha mãe.

Durante horas esquecidas, para ali ficava, absorto na leitura e nos pensamentos.

Nos tempos de colégio - lembro-me como se fosse hoje - uma noite, já depois da hora do apagar da luz - havia um interruptor geral que desligava simultaneamente toda a iluminação eléctrica - encontrava-me no meu quarto, desde há horas a fio pela noite dentro, à luz de uma vela, a ler *Os Gatos* de Fialho de Almeida. O prefeito descobriu e entrou abruptamente no quarto. Seguidamente “confiscou-me” o livro que fizera as minhas delícias durante várias noites até àquele fatídico minuto.

* Texto escrito a partir de uma conferência pronunciada em Lisboa, na Biblioteca Municipal de São Lázaro, a convite do Pelouro da Cultura, Divisão de Bibliotecas e Documentação.

** Desempenhou o cargo de Director das Bibliotecas e Arquivos Nacionais (1980 - 1985). Assessor Principal de BD do Ministério das Finanças. Professor e Director do Curso de Especialização em Ciências Documentais da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Também, durante as férias, me socorri de uma biblioteca itinerante, cuja carrinha chegava de vez em quando e que parava no “Cruzamento”, um lugar central para a população, perto da casa de meus pais.

Nas bibliotecas - ainda hoje me acontece - o tempo como que parava. Aventurei-me por obras das ciências e da filosofia e, mais tarde ainda, pelas biografias e pelas memórias. Mas também sempre gostei de ver livros, melhor, admirá-los esteticamente. Para mim, tiveram sempre o fascínio de obras de arte, não somente pelo conteúdo, mas pela sua fabricação como “artes gráficas”. Algumas encadernações, belíssimas, teimosamente me atraíam à sua fruição. O livro, penso, é também para se vêr na estante ou em cima de uma mesa ou ainda numa cadeira, solitário ou em conjuntos de livros, na sua variedade multidimensional e multicolor.

A primeira vez que entrei numa biblioteca pública foi na Biblioteca Pública de Braga, a cidade principal da região onde nasci e que fora a capital do reino dos Suevos, para alguns uma pré-figuração de Portugal a seiscentos anos da sua fundação. Tinha os meus dezasseis anos de idade, era então estudante liceal, estou-me a ver, da Rua do Souto virei para a Praça do Município, subindo então as escadarias do edifício majestoso, da sua ala mais recente, ao que sei do século XVIII, de um barroco tardio, ao que se supõe do arquitecto André Soares, do antigo Paço Arquiepiscopal de D. José de Bragança, qual biblioteca palatina. Devagar e solenemente dirigi-me ao funcionário da recepção, apresentei vagarosamente o meu bilhete de identidade, preenchi a senha e sentei-me à espera da obra solicitada. Era, nem mais nem menos, de Alexandre Herculano, os *Portugalia Monumenta Historica*. Passei ali momentos densos, como que os *kairoi* (“tempos de graça”) que sempre me acompanharam na vida.

2 - Um «laboratório profissional» abraçado com entusiasmo

Longe estavam ainda os dias em que me decidiria enveredar pelas áreas profissionais da biblioteconomia e da arquivística. No entanto, estavam já traçados alguns caminhos de um destino que me acompanharia, o do interesse crescente pelos livros bem como, de uma forma geral, pelas fontes de informação. Quando dos meus primeiros tempos de universidade, aumentou o meu interesse pelos livros e pelas bibliotecas.

Ao ensaiar os primeiros passos numa carreira que me mergulhou ainda mais em livros, comecei então a conhecer e a perceber as bibliotecas e também os arquivos bem por dentro. Já não era o leitor simples que conhecia apenas um dos lados. Comecei a ver o lado de dentro dos Arquivos da Torre do Tombo e da Universidade de Coimbra, das Bibliotecas Nacional, da Ajuda, de Évora, do Porto, da Universidade de Coimbra, etc. Da Biblioteca Pública de Braga retenho o que não pudera ver nas minhas primeiras visitas, as gavetas belamente trabalhadas em madeira preciosa dos armários que guardam os documentos mais antigos, que ficam já do outro lado do mesmo edifício, o da ala do século XVI. Ali estava o pergaminho denominado *Acta da Fundação de*

Portugal, de 1128. Com que emoção pude contactar com esta e tantas outras jóias da nossa memória escrita!

O meu interesse bibliográfico redobrou. Da pesquisa passou também para a preparação de catálogos e de outros instrumentos de recuperação informativa. Como animar os textos? Como apresentar uma leitura mais facilitada? Como atrair mais os leitores para os valores da cultura? Como construir imóveis novos ou reaproveitar os antigos mantendo, imaginativamente, um sadio equilíbrio entre a dignidade da instituição e os novos desafios? Como chamar toda a gente e fazê-la entrar, respeitando um direito seu, para que usufruam todos do saber universal que lhes pertence? Aos poucos entrei, também eu, neste mundo da bibliofilia, daqueles que encontraram um tesouro e querem reparti-lo com os outros. Não me bastava estar solitariamente absorto no prazer da leitura, queria que outros me acompanhassem.

Quisera eu que nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos diversos organismos, em cada rua, em cada esquina, direi mais, em cada família, houvesse uma biblioteca.

Este empenhamento foi sempre para mim uma constante, mas certamente terá tido o seu *climax* durante os anos em que, no Ministério da Cultura, me foram confiadas responsabilidades de coordenação das bibliotecas e arquivos nacionais

Parafraseando Luther King, direi que também tenho um sonho para o meu país: livros para todos, laboratórios de cultura para toda a gente. Hoje, grande parte da população portuguesa está ainda faminta. Não creio que os quilómetros de estradas asfaltadas nos tragam, só por si, civilização.

O fomento e dinamização das bibliotecas constituem fonte primordial de cultura. Desde as primeiras letras, é fundamental que se estimule a curiosidade intelectual. E muito desse processo passa necessariamente pela biblioteca. Torna-se imprescindível que nas escolas existam boas bibliotecas, nomeadamente de multimédia, ligadas às auto-estradas da informação. Sobretudo que tenham animação: a hora do conto, textos representados, declamação de poemas, convívios culturais com criadores, exposições, conferências, etc. Que pena que ainda existam tantas bibliotecas escolares praticamente abandonadas e sem nenhum pessoal especializado! E mesmo tantas zonas, do interior sobretudo, sem o conforto de uma biblioteca pública que lhes proporcione salutar leitura! São precisas bibliotecas para as escolas, bibliotecas para todas as aldeias, vilas e cidades de Portugal. Onde não existam bibliotecas fixas - e porque não concomitantemente - percorram as estradas deste país bibliotecas itinerantes.

3 - Biblioteca, verdadeiro «laboratório de cultura»

Laboratório, de *labor*, “trabalho” será um lugar entendido habitualmente como destinado à experimentação, quando de bibliotecas se trate, acrescentaremos o adjetivo cultural. O laboratório aqui não é o de uma experimentação qualquer, mas antes a que irá ajudar a definir a cultura da pessoa humana, aquela que irá fazer amadurecer o homem numa reflexão constante sobre os valores fundamentais, sobretudo no que se refere às perguntas decisivas sobre o sentido da vida, uma reflexão que nos levará desde a realidade imanente ao transcendental. Por isso trata-se de uma experimentação

abrangente, que classificámos de cultural. Neste laboratório se experimentam os mais decisivos vectores da vida de cada um. A biblioteca está provida das instalações e condições adequadas ao estudo, à investigação, à reflexão.

O aspecto experimental liga bem ao conceito de biblioteca. É que nela se aplicam as técnicas experimentais. Faz-se também uma autêntica experimentação de modelos de ciência e de cultura. É na biblioteca que, tantas vezes, se modelam as consciências, se definem os comportamentos humanos, desde a mais tenra idade até à adultez. É na biblioteca que nos inserimos em correntes de pensamento ou aprendemos a rejeitá-las de forma crítica.

A biblioteca, verdadeiro laboratório de cultura, desempenha um papel insubstituível na formação e educação dos povos e dos seus cidadãos. Assim vem acontecendo desde tempos recuados e assim será bom que continue e que se desenvolva e se incentive cada vez mais. Com novas formas, certamente. Já não será apenas constituída por documentos em suportes materiais clássicos, mas outros diferentes estão já aí, como os audio-visuais. Outros ainda não sonhados surgirão também. E diferentes formas de tratamento informativo com meios mais sofisticados virão ultrapassar os actuais limites da telemática.

A biblioteca, “caixa de livros” - poderíamos dizer adaptando da sua origem etimológica - tesouro inesgotável, modeladora das nossas vidas, manancial de torrentes de outras experiências que confrontamos com as nossas para melhor conhecermos o outro, para melhor conhecermos o homem em toda a sua dimensão e dignidade, e assim nos conhecermos a nós próprios, em comunhão com toda a humanidade, numa abertura ao outro que nos espera, que nos acolhe, mostrando-nos a sua experiência de vida, os seus sonhos e limites. A biblioteca tem assim esta dimensão «sagrada» de abertura à experiência do outro, ela coloca-nos no caminho do próprio homem e, através dele, no caminho mesmo do seu mistério.

Resumo O autor apresenta um testemunho sobre as suas relações através da sua vida com os livros e a profissão de bibliotecário que desempenhou e de como o marcou desde sempre de forma profunda a biblioteca como um verdadeiro laboratório de cultura. Define também o que entende então por biblioteca como laboratório de cultura, pois nela se experimentam os mais decisivos vectores da vida de cada um. A biblioteca está provida das condições adequadas ao estudo, investigação e reflexão. E aqui também se aplicam as técnicas experimentais, no sentido de se criarem as condições de uma autêntica experimentação de modelos de ciência, de cultura e de vida. É na biblioteca

que se podem também modelar as consciências ou definirem-se os comportamentos humanos, desde a mais tenra idade. Nela nos inserimos em correntes de pensamento ou aprendemos a rejeitá-las de forma crítica. A biblioteca, como verdadeiro laboratório de cultura, desempenha um papel insubstituível na formação e educação dos povos e dos seus cidadãos.

Abstract The author writes about a testimony about the relation which he had in his life with books and also what his professional career (as an librarian) meant to him. He always had the idea that a library was a true cultural lab and it has influenced him and his life in a very special way. But why does he define it as such? Because inside it the most decisive ways we choose to command our lives are tested. A library supplies the right conditions for study, investigation and concentration. Inside a library people try the testing techniques in order to create a true experience of models of science, culture and life itself. It's in the library where our conscience can be changed and human behaviour defined, since our childhood. When we are in a library we can defend some trends of thought or if we don't agree with them we learn how to reject them in a critical way. The library, as a true cultural lab, has a very important role in the education and intelectual development of the citizens of our world.

Endereço: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Curso de Especialização em Ciências Documentais, Campo Grande, 376, 1749-024 Lisboa - Portugal (e-mail: tomas.mlima@ulusofona.pt)